

PRIMEIROS ANOS ESCOLARES: PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Zenilda Maria de Sousa Paniago – UFPel

Eixo 9: Alfabetização e letramento nos anos iniciais (ensino de nove anos, progressão continuada, processos de alfabetização e letramento).

Resumo: Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa que busca, a partir da leitura de memorial dos primeiros anos escolares, compreender quais ações do contexto social vivenciado pela criança contribuem para processos de alfabetização e letramento. Os relatos, aqui analisados, promovem espaço para análise da influência do ambiente familiar como primeiro espaço para formação do aluno leitor/escritor e indicam que a seleção e organização das atividades pedagógicas do professor alfabetizador devem pautar-se nas experiências vivenciadas pela criança, buscando associar seu universo às práticas sociais da leitura e escrita.

Palavras-chave: Memórias; Alfabetização; Letramento.

Introdução

Com objetivo de proporcionar espaço para reflexão sobre a compreensão de processos escolares relacionados à aquisição da leitura e escrita em contextos sociais é que foram buscadas, por meio do relato de memórias do período de alfabetização, informações que auxiliem o entendimento dos processos de alfabetização e letramento. Participaram da pesquisa professores que atuam em sala de aula e trabalham diretamente com alunos em período de alfabetização, bem como profissionais ligados à formação de professores do curso de Pedagogia.

A escolha desses profissionais ocorreu por tratar-se de dois grupos inseridos em uma mesma categoria, mas com abordagens diferenciadas que se complementam. Enquanto professores alfabetizadores exercitam a prática e apostam na teoria como forma de pensar sua ação pedagógica, professores universitários realizam reflexões pautadas na teoria, problematizando a prática e trazendo elementos para refletir sobre o universo escolar.

Alguns professores agradeceram o convite, mas justificaram não poder participar por estarem bastante atarefados com o dia a dia escolar. Outros se mostraram interessados em participar, mas não sabiam se conseguiriam entregar seus registros em tempo hábil. “Olha, vou fazer de tudo para participar... vou me esforçar, sei o quanto é difícil precisar de entrevistados ou relatores e não encontrar, ou as pessoas não estarem disponíveis.”

(COLABORADOR 1, 13.08.2011)

Houve quem se mostrasse pronto a participar, mas justificasse não se lembrar de nada desse tempo:

É sério! Já tentei de todo jeito lembrar como foi minha alfabetização e nada! Uma vez até passei uma vergonha danada porque me perguntaram quem tinha sido minha alfabetizadora e eu não me lembrava – e foi a tia “Ana”¹ e ela ficou sabendo, me deu o maior puxão de orelhas. “Eu que te tirei das trevas da ignorância” – ela sempre me diz. (COLABORADOR 2, 01.09.2011)

Uma colaboradora alegou lembrar-se de muitas coisas que ocorreram nesse período, mas não se via em condições de retomar o passado por possuir lembranças muito tristes.

Desculpe não ter respondido antes, mas de qualquer forma não poderia participar, embora eu tenha mil lembranças, muitas desagradáveis por sinal, pois foi logo após meus pais se separarem. Mas eu teria que escrever muuuito e no momento isso é impossível! Se fosse em janeiro eu teria tempo... Desejo sucesso no seu trabalho!!! (COLABORADOR 3, 05.09.2011)

Segundo Artières (1998, p. 11), “arquivar a própria vida é se colocar frente ao espelho é contrapor a imagem social à imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”.

Será que estamos dispostos a nos colocar frente ao espelho? Trabalhar a própria identidade não é tarefa nada fácil; e muitos acreditam não ter o que contar, o que registrar, ou acham suas histórias comuns demais para serem expostas. Muitos ainda não acreditam que sejam seres históricos que constroem, ao lado de seus pares, trajetórias de vida marcadas por fatos representativos que orientam toda uma existência.

Mas, afinal, o que é trabalhar com a história ou, mais especificamente, a memória? Para se trabalhar a história, é necessário saber que ela nunca está concluída nem é um fato absoluto, ela está em uma constante dialética, portanto é viva e fala um pouquinho de cada um de nós, seja no campo individual, seja no grupo no qual estamos inseridos.

Nas palavras de Lopez (2008, p. 17):

(...) a história nunca está pronta, nem é absoluta. O fazer histórico é um processo permanente, vivo, que diz respeito a todos. É impossível imaginar a vida sem História. Sem ela, as pessoas não saberiam quem são, nem para

¹ Nome fictício.

onde vão. Mais do que lembrar o que foi vivido, a narrativa histórica transmite valores e visões de mundo e ajuda a compreender o que se vive hoje e o futuro que se deseja.

Portanto, a história acontece em um processo vivo narrado no presente com representações do passado e pode se modificar conforme a percepção do grupo. O mesmo autor salienta que a história é feita por pessoas e que “(...) como titular de sua trajetória de vida toda pessoa tem o direito de decidir o que quer contar sobre sua experiência, bem como de qual forma e para quem quer transmiti-la” (LOPEZ, 2008, p. 31).

Salienta, também, que a narrativa é organizada na relação com o todo, seja ele familiar, escolar, da comunidade, religioso, político, econômico ou social; e assim nossas vivências passam a servir ao coletivo, ao grupo; e nossas experiências se entrelaçam com os demais. Temos, então, em uma mesma narrativa, o processo individual e o coletivo; portanto a existência de cada indivíduo diz respeito à história de toda a sociedade, formando uma grande rede na qual mantemos ou refutamos modos de vida.

O trabalho com memória é um exercício de seletividade. Somos seletivos ao recordar os fatos. Alguns permanecem tão intactos que podemos até sentir o cheiro, o sabor, a brisa, o toque. Outros precisam ser provocados para que sejam evocados do fundo de nossas recordações. Uma foto, uma imagem, uma frase, um acontecimento são elementos que podem fazer aflorar lembranças que estão guardadas ou escondidas no fundo do nosso baú mental.

Segundo Lopez, a memória individual carrega dentro de si suas experiências acompanhadas de suas aprendizagens; e esse processo ocorre de forma seletiva. “Vale ressaltar que os critérios do que é significativo ou não resultam do espaço e do tempo em que vive. A história de cada um contém a história de um tempo, dos grupos a que pertence e das pessoas com quem se relaciona.” (LOPEZ, 2008, p. 33)

Artières corrobora as ideias de Lopez ao pontuar que, ao arquivar nossas vidas, “não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, colocamos em enxergo certas passagens” (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

Olhando para o passado e registrando as ideias entrelaçadas aos ideais

Foi aí que nasci: nasci na sala do terceiro ano,
 sendo professora Dona Emerenciana Barbosa, que Deus a tenha.
 Até então era analfabeto e despretensioso.
 Lembro-me: nesse dia de julho, o sol que descia da terra era bravo e parado.
 A aula era de Geografia,
 e a professora traçava no quadro-negro nomes de países distantes.
 As cidades vinham surgindo na ponte dos nomes,
 e Paris era uma torre ao lado de uma ponte e de um rio,
 a Inglaterra não se enxergava bem no nevoeiro,
 um esquimó, um condor surgiram misteriosamente,
 trazendo países inteiros. Então nasci.
 De repente nasci, isto é, senti necessidade de escrever.

Carlos Drummond de Andrade

As palavras de Drummond foram escolhidas pela professora (que se dispôs a compartilhar seus memoriais) para iniciar o texto sobre suas memórias de alfabetização. “Foi aí que eu nasci: nasci na sala do terceiro ano (...) De repente nasci, isto é, senti necessidade de escrever.” É a abertura das portas para o mundo da leitura e escrita.

No início, nossa colaboradora mostra certo receio em olhar o passado e registrá-lo, mas visualiza nesse registro a oportunidade de renovar-se.

Ao pensar nos caminhos percorridos para construir uma memória de alfabetização ou de meus primeiros anos de educação, senti certo receio de refletir que deveria estar olhando para o passado e registrando as ideias entrelaçadas aos ideais. Como pesquisadora e educadora convivo diuturnamente com os desafios da escrita e em diferentes situações estou lidando com o mundo das palavras, sei também que escrever é um dos encantamentos, e como dizia Drummond, é um nascer, e principalmente quando se trata de registrar minha memória/história, é um (re)nascer. (COLABORADORA 1, 24.08.2011)

Como vimos anteriormente, uma das características da memória é a seletividade, nem tudo fica gravado, é necessário então recorrer ao acervo pessoal na tentativa de buscar informações que auxiliem em sua produção. Nossa colaboradora tem plena consciência de seu papel como educadora em observar e pensar o mundo em seus diversos aspectos e escolhe a escrita do memorial como modo de registrar suas lembranças do período de alfabetização.

Mas, como iniciar esse depoimento de rememoração? Bom... Acredito que

fazer um memorial é um ensaio em que o autor toma a si próprio como objeto de reflexão. Para um educador, falar de si mesmo não é uma tarefa tão complexa em se tratando que o mesmo sabe que o exercício da razão requer dele, permanentemente, a certeza de ser capaz de olhar e pensar o mundo, e esse olhar permite-lhe estar em busca constante da originalidade, da inventividade, da precisão, da certeza... (COLABORADORA 1, 24.08.2011)

Para Pollak (1992, p. 2), a memória é construída por três elementos básicos. “(...) acontecimentos vividos pessoalmente ou os ‘vividos por tabela’ que são os acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer.” Depois o autor afirma ser a memória composta por pessoas e, finalmente, por lugares. É por meio desses elementos que a memória se faz presente e pode trazer à lembrança fatos históricos da vida individual ou coletiva.

Durante o relato da professora, é possível verificar a presença de todos esses elementos, bem como as características da memória: seletiva e construída.

Como Paul Veyne (1987) diz, a memória se baseia na realização da escrita de uma história. E a história é filha da memória. Devo então pensar que como ser humano sou histórico. Então ser histórico é realizar história, fazer parte dela, ser autor. Então... a história, para ser analisada, é preciso estar memorizada em algum lugar, do contrário, torna um fato perdido no tempo. Esse depoimento tem um pouco disso: registrar experiências resgatadas pela memória em relação a minha alfabetização. O qual, elaborado a partir de lembranças da memória, e, não signifique que aqui esteja toda história da minha alfabetização, visto que ocorrem histórias paralelas e não registradas, no mesmo espaço, ao mesmo tempo. Logo, a história verdadeira está sempre além da registrada. (COLABORADORA 1, 24.08.2011)

Brandão, ao registrar o surgimento da escola, recorda a presença de espaços educacionais não escolares ricos em aprendizagens que antecedem a existência da escola. Esses ambientes estão permeados pelo fazer cotidiano; assim, a casa, o templo, a oficina, o barco, o quintal são espaços ricos em aprendizagens significativas que não podem ser ignorados pelo fazer pedagógico escolar. Nas palavras do autor:

Em todos os cantos do mundo, primeiro a educação existe como um inventário amplo de relações interpessoais, diretas no âmbito familiar: mãe-filha, pai-filho, sobrinho-irmão-da-mãe, irmão-mais-velho-irmão-caçula e assim por diante. Esta é a rede de trocas de saber mais universal e mais persistente, na sociedade humana. Depois, a educação pode existir entre educadores-educandos não parentes – mas habitantes de uma aldeia, de uma mesma cidade, gente de uma mesma linguagem – semiespecializados ou especialistas do saber de algum ofício mais amplo ou mais restrito: artesão-aprendiz, sacerdote-iniciado, cavaleiro-escudeiro e tantos outros. (BRANDAO, 1995, p. 32)

A presença do espaço familiar como ambiente propício para aprendizagens significativas foi observada no relato de nossa colaboradora quando registra que o contato com o mundo letrado ocorreu em ambiente familiar de forma natural, no qual a escrita era utilizada em situações reais de uso. Para a colaboradora, morar na zona rural, ser filha caçula, suas irmãs morarem em outra localidade e sua mãe se dedicar à leitura de livros literários foram fatos marcantes para que a escrita e a leitura fizessem parte do seu cotidiano.

Minha educação escolar não se iniciou propriamente nos bancos da escola, mas às sombras das frondosas mangueiras existentes na Chácara Jatobá, localizada no Município de Serranópolis/GO, em que o quadro giz era o imenso quintal bem cuidado, e o giz pequenos gravetos dos próprios galhos caídos ali mesmo. A professora era minha mãe, com pouca teoria escolar, mas com muitos saberes empíricos pela dedicação permanente à literatura. Usava dos mais diversos materiais concretos para que eu compreendesse o processo de cálculo em matemática e muita sabedoria para que eu também compreendesse o funcionamento da linguagem escrita. (COLABORADORA 1, 24.08.2011)

O relato da professora reforça concepções da teoria construtivista, que afirma que o processo de alfabetização inicia-se bem antes de a criança frequentar a escola, pois ela elabora pensamentos mediante aquilo que vê, ouve e sente. A criança lê o mundo; e ao chegar à escola, traz consigo marcas do processo de letramento.

Desde muito cedo, a criança passa a construir seu conhecimento, iniciando-o muito antes do período formal de escolarização. Esse processo ocorre naturalmente durante mediações e interações entre a criança, os adultos e o meio. Sendo assim,

[...] a qualidade das mediações interativas vai determinar as concepções que uma criança apresenta sobre a escrita, desta forma, entendem-se as diferenças que as crianças apresentam com relação às concepções de escrita, no período de início da escolarização. (LEITE, 2001, p. 29)

O mesmo autor ressalta que a função da escola é valorizar o conhecimento prévio do educando e dar-lhe suporte para que ele desenvolva suas potencialidades, oferecer oportunidades para ele se apropriar e reconstruir novos conhecimentos de forma sistematizada.

É importante ressaltar que esses contatos são fundamentais para o desenvolvimento linguístico da criança, pois esses textos, que aparentemente não nos causam nenhuma impressão, já que com eles estamos tão acostumados, se tornam, para o universo da criança, a primeira referência do mundo textual, sendo, portanto, os primeiros responsáveis por sua iniciação no letramento. Nesse sentido, o currículo deve ser pensado a partir do entendimento que a criança possui sobre seu mundo.

É a partir *de onde* os alfabetizando estão que a escola deve construir seu currículo, partindo de quem eles são de onde vêm, como são e para onde vão, ajudando a criança a expandir seus próprios conhecimentos, enquanto lhe assegura a aquisição de outros. (BRAGGIO, 1995, p. 127)

Ferreiro (2000) afirma que a compreensão das funções da língua escrita na sociedade se processa durante a interação de seus usos sociais; assim, existem crianças que, ao serem matriculadas na escola formal, chegam sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes.

As crianças que crescem em famílias onde há pessoas alfabetizadas e onde ler e escrever são atividades cotidianas, recebem esta informação através da participação em atos sociais onde a língua escrita cumpre funções precisas. Por exemplo, a mãe escreve a lista de compras do mercado, a mãe leva consigo essa lista e a consulta antes de terminar suas compras: sem querer, está transmitindo informações sobre uma das funções da língua escrita (serve para ampliar a memória). Busca-se na lista telefônica o nome, endereço de algum serviço de conserto de aparelhos quebrados; sem querer essa leitura transmite informações sobre algo que não sabíamos antes de ler. Recebe-se uma carta ou alguém deixa um recado que deve ser lido por outro familiar ao chegar, sem querer, transmite-se informação sobre outra das funções da língua escrita (serve para comunicar-se a distância, para dizer algo a alguém que não está presente no momento de se escrever a mensagem). (FERREIRO, 2000, p. 19-20)

O papel do professor alfabetizador, a partir dessa constatação, é o de valorizar o potencial linguístico dos alunos, percebendo o momento de introduzir novas possibilidades de aprendizagem. Assim,

o professor alfabetizador não é visto como dono da verdade, como o instrutor, mas como um orientador, e a criança é o sujeito do processo, pois é ela quem se alfabetiza num contexto cultural que a alfabetiza, cabendo ao professor a tarefa de selecionar as atividades para a leitura e escrita, principalmente no que se refere a textos que sejam capazes de despertar na criança a construção de uma significação. Significação, sim, porque a criança está desde antes de ir para a escola, convivendo com os mais diversos tipos de escrita que lhe permitem entender seu conteúdo. Razão por que não faz sentido ter de se ensinar palavras soltas, sílabas ou letras isoladas e desprovidas de significado, o que, assim como na aquisição da linguagem oral, também não ocorre. (SOUZA, 1995, p. 19)

Nesse sentido, o aluno passa a ser o orientador do processo ensino-aprendizagem, cabendo ao professor escolher as atividades de leitura e escrita a partir da criança e de sua realidade sociocultural. A compreensão do sistema de leitura e escrita se processa em um ambiente rico de trocas de experiências com a sociedade letrada; e, portanto, a utilização de diversos gêneros textuais em reais usos sociais se demonstra de essencial importância.

Encontra-se no memorial de nossa colaboradora indicadores do processo de letramento quando esta se utiliza da escrita em situações reais de uso. Ao escrever cartas para a irmã ou listar produtos para auxiliar a memória do pai, a escrita torna-se plena de significados.

Era muito feliz porque já podia escrever cartas para minha irmã que não morava conosco; fazer listas de compras para que quem fosse a cidade não esquecesse nada. Já podia me exhibir à frente de meu pai, quando chegava do árduo trabalho da lavoura, recitando os fatos da multiplicação. Posso afirmar que aprendi a ler lendo textos verdadeiros em que essas leituras tinham diferentes finalidades e eu fazia uso delas sempre que desejasse ou necessitasse. Sempre repetia a mesma pergunta para minha mãe... Quando vou poder ir pra escola? Minha mãe respondia que era quando acabassem as mangas. Meu maior sonho era que acabassem as mangas (essa era a noção de tempo que tinha) para que pudesse entrar logo na escola. (COLABORADORA 1, 24.08.2011)

Termina o período das mangas para que pudesse, finalmente, ir para a escola. Ao ser matriculada em 1972, a princípio, estranha a metodologia utilizada, mas, aos poucos, vai se familiarizando com a nova rotina escolar. No seu relato, é possível verificar diversos aspectos quanto aos primeiros anos escolares.

Apresenta o uso de termos próprios da escola, a utilização do caderno de caligrafia, o emprego da “letra de ler e escrever”. Como aprendera em casa a fazer contas, a utilizar a escrita em contextos reais de usos, ela entra em conflito e até acha que a escola não é seu lugar.

Em 1972, iniciou-se meu primeiro ano de escolarização propriamente dito. Como não passei pelo pré-escolar, meus colegas já sabiam muitos nomes característicos da escola, entre eles: cabeçalho arme e efetue, operação, sabatina, CDU (quadro valor de lugar que representava unidade, dezena e centena), entre outros... Esse novo uso da língua me deixava um tanto perdida na sala de aula, pensando que não daria conta de estudar e que não sabia nada, minha letra não agradava a professora, além de ter que traçar as letras e sílabas em um lugar muito espremido (caderno de caligrafia). Certa vez tive que apagar uma cópia inteira porque havia escrito com a “letra de ler” e não com a “letra de escrever”. (COLABORADORA 1, 24.08.2011)

Ao discorrer sobre a metodologia utilizada para alfabetização, a colaboradora apresenta os textos cartilhados e o distanciamento da escrita em situações reais de uso. A cartilha é conhecida por se tratar de manual, receituário pronto no qual a escrita só é encontrada no espaço escolar.

Sem falar da leitura, que em geral era composta de palavras-chave e famílias silábicas, as quais eram fixadas exaustivamente. Lembro-me muito da cartilha com as frases: “o bebê baba na babá”, “o boi bebe”, “a cuia é de coco”. Como estava acostumada com outro tipo de leitura, aquela que tinha o objetivo de comunicar por escrito algo significativo ou aquela que não tinha “nenhuma utilidade”, era pra rir, sonhar, viajar, registrar, e aí que estava sua grandeza, estranhei muito com as leituras da escola que tinham como objetivo apenas ajudar a desentranhar a regra de geração do sistema alfabético: que *b* com *a* dá *ba*. (COLABORADORA 1, 24.08.2011)

No que se refere à língua escrita como objeto da aprendizagem, Ferreiro (2000) esclarece que a escola se converteu em guardião desse objeto social e solicita do sujeito em processo de aprendizagem uma atitude de respeito cego diante desse objeto. “Essa atitude de respeito cego manifesta-se nos mínimos detalhes. O aprendiz deve respeitar cuidadosamente a forma das letras e reproduzi-las seguindo um traçado imposto.” (p. 21)

Estudiosos mostram que o modelo tradicional de alfabetização não se utiliza da escrita funcional nas diversas atividades pedagógicas, ou seja, não há preocupação em fazer uso da escrita que corresponda às formas pelas quais ela é utilizada nas práticas sociais. Tendências tradicionais acreditam na alfabetização como sinônimo de codificar e decodificar. Nesse sentido, a criança tem momento certo para aprender a ler e escrever, devendo estar pronta para tal.

Estudos que enfatizam as práticas sociais de leitura e escrita superam o conceito de que existe uma idade mínima para se ensinar a ler e escrever e dos exercícios de prontidão como necessários para a sistematização do conhecimento da leitura e da escrita.

As crianças não aprendem a linguagem escrita decorando letras, mas nos asseguram as teorias construtivistas que o desenvolvimento cognitivo se dá em um processo interativo e construtivo; a aprendizagem é, portanto, ativa e interativa.

Então ficava pensando o quanto aquela escola estava distante do meu mundo de fantasias e de menina, tudo que eu fazia estava errado, tanto espaço e pessoas por perto, mas me sentia sozinha, ficava deprimida. Com muito esforço, com ajuda de minha mãe e irmã mais velha comecei a superar esse medo e procurava responder, compreender o sistema da concepção da professora, aprendi todas as famílias silábicas que a professora esperava e me saía muito bem nas famosas “sabatinas” (que demorei, mas descobri o significado, aconteciam aos sábados), e como Paulo Freire usava a metáfora “educação bancária”, tudo que tinha sido “depositado”, era “sacado” naquele dia “especial”. (COLABORADORA 1, 24.08.2011)

A professora segue seu relato, ressaltando que sempre teve contato com diversos tipos de leitura propiciados pelas irmãs mais velhas e mostra a importância disso na formação de seu processo de identidade.

Como na escola as leituras não eram muito significativas, por ser a quinta filha (caçula), tinha o privilégio de ganhar livros das minhas irmãs mais velhas. “Saboreava” gostosamente os livros, não importando o gênero (contos, quadrinhos, poesias, parlendas, histórias bíblicas...). Passava horas lendo, não estudando. Considero que muitas características pessoais que me identificam hoje, como a inquietação de perseguir uma ideia, foram adquiridas nessa época, por isso, entendo hoje, que a leitura, a pesquisa se faz de um encontro inicial que gera outros encontros e, assim, permite a construção das tantas memórias que podem ser reunidas e socializadas. Esta é minha história!!! (COLABORADORA 1, 24.08.2011)

O memorial escrito pela professora apresenta-se como possibilidade para reflexão das práticas pedagógicas primárias que acontecem no espaço familiar e suas implicações nos processos de alfabetização e letramento. Durante seu relato, foi possível observar sua preocupação em estabelecer elos entre passado e presente, em um constante ir e vir, no qual ideias e ideais se entrelaçam, trazendo dinamicidade às suas representações dos primeiros anos escolares.

Seus escritos proporcionam elementos para considerações sobre questões que envolvem a busca constante de um processo de alfabetização mais saudável e menos estressante, tanto para discente quanto para docentes.

O trabalho apresenta singularidades de uma menina rural que vivenciou, no ambiente familiar, oportunidade de letramento e que, apesar das situações de conflitos nos primeiros

anos escolares, fez de sua trajetória escolar uma constante busca de oportunidades de se colocar no mundo como ser histórico. O processo de resgate das memórias de nossa colaboradora ofereceu elementos para o entendimento de diversas facetas da vida que antecede o espaço escolar, em especial as vivências com o mundo da leitura e da escrita, contribuindo para a compreensão da importância de se “*alfabetizar letrando*, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, *alfabetizado e letrado*” (SOARES, 2004, p. 47 – grifos do autor).

Referências

- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>>. Acesso em: 17 set. 2012.
- BRAGGIO, Silvia Lúcia Bigonjal. *Contribuições da linguística para alfabetização*. Goiânia: UFG, 1995. 149p.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. 33. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- FERREIRO, Emília. *Com todas as letras*. Trad. Maria Zilda da Cunha Lopes. Retrad. e cotejo de textos Sandra Trabuco Valenzuela. 8. ed. São Paulo: Cortez, v. 2, 2000. Biblioteca da Educação. Série 8. Atualidades em educação.
- LOPEZ, Immaculada. Memória social: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local. São Paulo: Museu da Pessoa, Senac, 2008. Disponível em: <<http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/memoriasocial.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2012.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. Disponível em: <http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf>. Acesso em: 17 set. 2012.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 128p.
- SOUZA, Elizabeth Landi de Lima. Caminho suave e pipoca: o alfabetizando como não sujeito do processo. In: BRAGGIO, Silvia Lúcia Bigonjal. *Contribuições da linguística para alfabetização*. Goiânia: UFG, 1995. 149p.
- WEISZ, Telma. *O diálogo entre o ensino e a aprendizagem*. São Paulo: Ática, 1999. 133p.